

O POVO ESPOZENDENSE

ORGÃO DOS INTERESSES DO CONCELHO

PROP. EDITOR E ADM.—J. DA S. VIEIRA

ESPOZENDE—DOMINGO, 24 DE SETEMBRO DE 1893

DIRECTOR LITTERARIO—A. VILHEIRO

ANNO II

Condições d'assignatura:
Anno 15200 rs.—Com estamp. 15360
Sem. 600 rs.— " " 680
Brazil 25300 — Pagam. adiantado
Num. avulso 40 reis. Com est. 42 1/2

Redacção e Typographia:
RUA DO ARCO OU BECCO DOCE N.º 8

SEMANÁRIO INDEPENDENTE

Os originaes enviados a esta redacção não se restituem

Anuncios:
Por cada linha 40 rs. Repetição 20 rs.
Communicados ou reclames 40 rs. a l.
Os assignantes 25 aº de desconto. Im-
posto do sello 10 rs.

N.º 62

O BRAZIL

Depois de implantado no paiz mais prospero e florescente do novo mundo o regimen federativo com um exito e facilidade que mereceu admiração das mais velhas e poderosas republicas, suas irmãs, parece que um malfadado agouro ou prenunciada infelicidade bafejou aquelle povo nosso irmão.

Não se devem, evidentemente, a essa transformação de systema governativo, os males que parecem asoberbar presentemente aquelle paiz; não se devem á mudança de instituições, os successos medonhos que, amanhã tornados em uma sanguinosa lucta fratricida, podem fazer desaparecer uma nacionalidade que se mostrou sempre tão forte e auspiciosa no seu futuro financeiro e nas mais esperançosas condições de vitalidade.

Desde que, infeliz e desgraçadamente, a systematica persistencia de

meia duzia de allucinados e ambiciosos pretendiram depôr, como effectivamente depozeram, Deodoro da Fonseca, nasceram as desconfianças e começou de haver conjunctamento de proselytos consolidados ao seu norte—a AMBIÇÃO, os quaes, por seu turno, internaram, porque lhes não conviesse a tactica de Deodoro, o mesmo que hoje Wandenkolk ou Custodio de Mello pretende deslocar.

Não se pôde pois, positivamente attribuir estes perigosissimos successos á nova forma de governo d'aquelles populosos Estado, mas sim aos governantes pelo seu systema de governar; uns porque governaram trabalhando gananciosamente pelas finanças; outros porque desejavam governar e ter a affeição e apoio do exercito; e d'ali, ao que parece, a desgraçada situação d'aquelle paiz. E, se os adeptos e contumelistas das gentes monarchicas ainda o duvidam, o tempo nos trará a reflexão para demonstrarmos se houve

impropriedade na implantação do novo regimen no Brazil.

REPAROS

CARTAS

Ao ex.^{mo} Presidente da Camara.

II

O local da Fonte, é um dos que mais se recommenda sob todos os pontos de vista concernentes a melhoramentos.

Em primeiro lugar, as tradições do Passado fazem-nos esquecer para elle um olhar de commiseração, um olhar doce, como aquelles que nos sabem roubar esses velhinhos, muito velhinhos, de cabellos de neve, de faces engeilhadas, d'olhos meigos, espelhando o vago; foi ali onde os nossos avós, á sombra das arvores que os viram nascer, nos contaram as suas proesas maritimas, os perigos dos naufragios de que milagrosamente escaparam, nos descreveram os palmares frescos e mysticos da Lúdia, a ferocidade dos negros, as minas auríferas, a côr e o brilho das gemmas preciasas da Africa, as florestas virgens, os troncos seculares, os rios magestosos, as cataractas da America, os ativos minaretes de Constantinopla, o céu azul e a BARGANOLA dos gondoleiros da Veneza, a extensa bahia de Napoles, as dokas e o continuo nevoeiro de Londres, os gelos da Russia, as ilhas da Oceania; finalmente, todas essas cidades das cinco partes do mundo, onde decorreram os melhores tempos da sua vida—enquanto o chorar da fonte acompanhava o ciclo

da viração nas folhas esverdinhadas, batidas por um luar primaveril.

Em segundo lugar, o viajante que chega a Espozende, quer vinda de Vianna, Braga ou Porto, primeiro que tudo visita este sitio, pois vindo ter á rua Direita onde se embocam as tres estradas que d'essas cidades partem para esta villa, necessariamente continuá percorrendo-a, attraído pelas torres da Matriz que ao fim alvejam, por quanto nas terras de pouca importancia emquanto a monumentos e edificios grandiosos, é sempre a Igreja do seu orago, o que primeiro chama a attenção do turista. É chegado a este local, magnetizado pelas canções todas poesias da alma popular, da alma minhota, filigranadas por vozes argentinas de bellas moçoilas que lavam roupa no tanque proximo, de sadias pescadeiras de pernas roliças que acolá batem redes, pelos sorrisos do Cavado que espreita ali, leque de prata reflectindo olhares de sol—elle pára, olha em volta, escolhe o banco onde dorme a sombra, senta-se, e se a Arte lhe anima o CRAYON, dedica uma pagina do seu Album ao mixto de pay-sagem e marinha que o circunda.

Com pesar o digo:—Mas onde encontra elle essa sombra? se infelizmente depois que as velhas arvores, que tantas e tantas vezes distenderam os seus braços enfolhados sobre as nevadas cabeças de nossos avós, escutaram silenciosas a sua voz tremida e languida, lhes disseram com n'um segredo os tempos involvidaveis das suas infancias—se desfizeram em cinzas, umas outras as vieram substituir e das quaes uma só resta

hoje, esquecida, envergonhada, encostando-se ao muro proximo! —Orphão que no mundo ficou sem irmãs, sem amigas, perdida ali, chora a sua dôr nas perolas matinaes, suspira as suas amarguras n'esses bocejos a deshoras...; parece que só diz saudades n'aquelle seu verde-escuro...

Console-se pois aquelle arvorezinha que escapou ao morticínio, que foi derrubar para sempre as suas companheiras. Extendei o manto da vossa caridade sobre aquelle pária, que ali vegeta sem um olhar de compaixão. Mandem plantar outras da mesma familia; é uma obra meritoria; uma obra necessaria... para quem tem um pouco de bom gosto, como vulgarmente dizemos. —Não é uma «dôr d'alma» olhar para ali, defrontrar com a solitaria arvore, ao abandono d'um sorriso de saphira d'uma outra, a animal-a juntando o seu canto ao d'ella—n'esses murmurios que os brizas dedilham em beijos nas suas folhas, que a lua escuta maliciosa lá de cima, muito lá de cima, e que os corações onde pulsa o Amor, traduzem pelo nome do seu Ideal?!

«Reparando» n'esta falta, digna de ser remediada não só porque se incorpora na classe das—Necessidades—, mas tambem porque é de pouco custo a realisacão, estou por certo que o snr. Presidente da actual Camara, que tão bem ha mostrado quanto lhe são caros os melhoramentos d'esta despresada terra, satisfará mais este nosso desejo.

Até á semana.

Espozende, 23—9—93.

Eu VIGIO.

FOLHETIM

O JUIZ E O DIABO

Lenda Germanica

(Trad. do italiano)

Havia n'uma cidade da Alemanha um homem chamado Schwarz, que possuia enormes thesouros de ouro e prata e era tão cruel para com os pobres, tão viscoso e mau que era da gente se maravilhar como a terra o não houvesse ainda tragado. Exercia este homem as funcções de juiz e d'esta nobre profissão se aproveitava para praticar toda a casta d'iniquidades.

Uma manhã, sabindo para visitar as suas propriedades, encontrou no caminho o diabo vestido como um grande senhor.

Schwarz fez-lhe um profundo cumprimento e perguntou-lhe cortezmente quem era e d'onde vinha.

—Seria melhor para vós que eu não respondesse a essa pergunta, retorquiu o desconhecido.

—Comtudo se me agrada que

o faças deveis resignar-vos a tal. Sou aqui omnipotente e ninguem ousa resistir-me. Agora mesmo se me parecer e aprouver, posso mandar-vos prender e encerrar n'um carcere por annos e annos e annos.

—Se assim é, respondeu o desconhecido; prefiro obedecer-vos. Mas guardae segredo, vou satisfazer-vos, eu sou o diabo.

—Oh! exclamou o juiz, e que vens fazer?

—É hoje dia de feira na cidade e eu venho buscar tudo o que me for dado de boa vontade.

—Trata pois dos teus negocios, disse o juiz, de fórma alguma quero impedir-te, desejo porém acompanhar-te para ver o que te darão.

—Melhor farias não assistindo a este espectáculo.

—Quero ver como levas o que te derem, quero vel-o absolutamente e a todo o preço.

—Pois bem, vamos.

Então dirigiram-se ambos para a praça do mercado onde estava muita gente reunida. Uns com-

pravam, outros vendiam, todos porém se inclinaram respeitosa-mente deante do juiz e do estrangeiro que o acompanhava.

Schwarz mau ou vir dois picheis de vinho e apresentou um ao diabo, dizendo-lhe:

—Toma, eis o que te dou.

Porém o diabo recusou o vinho sabendo que era offerecido de sua vontade.

N'esta occasião passou por elles uma camponeza que conduzia um temoso novilho, que esticava a corda que o prendia, corria para a direita e para a esquerda, e estacava de repente, de tal fórma que a dona, n'um impeto de choleira, exclamou:

—Ah! estúpido animal, que o diabo te leve!

—Ouves? disse o juiz ao seu infernal companheiro, agarra aquelle novilho, é teu.

—Não, respondeu o diabo. Não me é dado de boa vontade. Se o levasse a pobre dona ficaria bem descontente.

Um pouco mais adiante uma mãe ralhava com o filho e veu-

do-o rebelde aos seus conselhos, exclamou arrebatadamente, impacientada:

—Vai-te para o diabo!

—Eis, disse o juiz, um rapazito que te é dado. Leva-o.

—Não, replicou o diabo, tambem me não é dado de boa vontade. Se o levasse, a pobre mãe não cessaria de chorar. Schwarz e o seu companheiro continuavam o passeio por entre a multidão e encontraram dois operarios que disputavam enfurecidos. Um d'elles depois de haver encheido o outro d'injurias, gritou-lhe:

—É agora, que o diabo te leve!

—Ah! tens aquelle bello joven, vê com que energia te é offerecido.

—Ah! não, respondeu o diabo, aquelle homem que assim parece aqui offerecer-m'o, quer-lhe muito bem. N'este momento a ira e o vinho que bebeu cegam-n'o. Se en o levasse ficaria deveras afflicto.

N'este momento uma velha cujos traços denotavam a maxima mi-

seria enquanto o rosto pallido e macilento revelava uma dôr profunda, veio collocar-se em frente do juiz e bradou-lhe:

—Ai de ti, ai de ti! Tu és rico e eu sou pobre, roubaste-me a unica vacca que possuia, que era o unico recurso que me restava. Não te tinha feito mal nenhum e reduziste-me á mais esqualida miseria. Invoco a justiça do céu. Emprazo-o a punir-te pela tua iniquidade e peço ao diabo que leve para o inferno o teu corpo e alma!

Ah! d'esta vez pois, disse o diabo voltando-se para o juiz livido de medo, d'asta vez pois, são palavras sinceras, é um desejo que vem do coração. Leva-te porque me és dado de boa vontade.

E dizendo estas palavras agarrou no pescoço do juiz com as garras e desapareceu immediatamente com elle sem que os circumstantes podessem ver de que modo e para onde o tivesse levado.

ARTHUR CHAVES.

O INSTITUTO DE SOCCORROS A NAUFRAGOS

Com a urgencia que o facto requer, pedimos em nosso n.º passado a quem compete as mais energias providencias contra o pes- simo proceder da commissão ins- tallada n'esta localidade e encar- gada de zelar os interesses do « Instituto de Soccorros a Naufragos », e hoje, pelos mesmos moti- vos, secundamos as nossas recla- mações.

Dissemos que ainda não ti- nhão sido installadas nas freguezias do concelho as commissões e collocadas as competentes caixas á porta das egrejas parochiaes, destinadas aos obulos de caridade, e ainda hoje com a convicção firme do que avançamos nos servimos d estas interrogações:

Como poderá a commissão local dar no fim do anno uma nota á Commissão Central especificando este e outros rendimentos? (Vide art.º 64 e §).

Será responsavel toda a com- missão pela perda da receita pro- veniente d'essas caixas, ou unica e exclusivamente o sr. administra- dor do concelho, presidente d'essa commissão?

Só o sr. administrador do concelho, porque não cumpriu com os seus deveres, como presi- dente; só o sr. administrador, por- que, como membro superior d'essa commissão, não fez convocar reunião alguma a bem dos interes- ses d'aquelle Instituto.

E pôde, porventura, sem a installação das respectivas com- missões arrecadar-se fielmente essa receita e proceder-se á collo- cação das caixas sem administra- dores ou fiscaes que as ad- ministrem? Não. Os fiscaes no- meados pela commissão local para fiscalisar o que lhes estatue os art.ºs 1.º, 2.º, 3.º e 4.º, da carta de lei de 21 d'Aril de 1892, têm a cumprir com os seus deveres dentro da área d'esta villa, e portanto só o sr. ad- ministrador é responsavel pela perda da receita proveniente das licenças que deveriam ser passa- das a diferentes estabelecimentos abertos na praia d'Apulia durante a época balnear, e ás quaes esta- vam sujeitos.

Ora se as commissões estives- sem devidamente installadas nas diferentes freguezias do concelho, já na praia d'Apulia seriam fisca- lisados esses estabelecimentos e só a competente commissão cabe- ria toda a responsabilidade pela perda de qualquer receita ali a cobrar.

E demais, o sr. administra- dor sabia perfeitamente, anteci- padamente, que se abriam algu- mas casas commerciaes n'aquella praia, sujeitas á competente li- cença; mas com a sua inercia, com o seu indifferntismo, por infelicidade nossa e provado relaxismo por tudo quanto nos possa aproveitar, deixou correr tudo á mercê do destino.

A essa commissão poderia estar aggregado um grande numero de socios; mas perante tanta in- ertia, tanto desmazello; todo o nojo é pouco, toda a precaução é neces- saria.

A alguns individuos ouvimos nós dizer, « que, se o Instituto es- lisses devida e convenientemente organizado n'este concelho, não ponham duvida alguma em asso- ciar-se a tão util como capitaliva corporação; mas visto haver tanto

desleixo e tão má administração e fiscalização... » e ficavam-se va- cillando.

Por isso, mais uma vez recla- mamos a especial attenção do ex.ºo Ministro da Marinha e de s. ex.º rev.ºo o sr. Cardel D. Amer- ico, bispo do Porto, vice-presiden- te da commissão departamental, para o péssimo proceder e para a descuravel administração da commissão installada n'esta villa.

FILAGRANAS

Cartas do outro mundo

E perdidas todas as minhas aspirações no imo da mais negra desillusão, mortas todas as flores das minhas acrisoladas esperan- ças pelo gélido sopro da desven- tura— a unica realidade da minha vida— onde deveria procurar uma lagrima cujo fulgor espelhasse o desvanecido riso d'uma ultima esperança, o lucto d'uma dôr infin- da—mar immenso onde a minha alma vogava— onde tremeluzisse, como n'um derradeiro arranco, o pharol que procurava divisar ainda na atra noite da minha vi- da?

Seria como a folha resequeida, que caiu do arbusto que a aleitara na infancia, embalando-lhe sonhos fulgentes que tem por ideias as estrellas; ao som terno d'essa man- dolina que os zéphiros suspiram ás horas dos phantasmas, e que as rozas repetem em ondas de perfumes— que lá vai á mercê do Destino, mundo em fóra, quem sabe p'ra onde?...

Como a limpida lagrima que os astros choram ao adens da Noite, caída fã do Infinito, toda luz como os olhos meigos que a ver- teram, perdida no mar sem limi- tes, no mar immenso?...

Como a nota final d'um canto d'amor que o rouxinol lança lá para cima onde a Lua se baloiça, desnastrada pelo vento, filamenta- da ao depois, fenecida sem echo no Azul?...

«METTE-TE FREIRA» repetias, meu Hamlet, n'essa voz grave, elegiaca como o chorar rouque- jante do Oceano, como as frias badaladas da meia-noite contadas pelo precito, como o fallar das selvas escutado temerosamente pelo coração onde mórta o Remorso. Oh, eu seria maldicta lá no sepulchral convento, porque ao beijar as faces maceradas do Christo, os meus labios forçados pelo Amor, pousariam idealmente nas tuas faces; ao entao no latim arrastado por esses mesmos labios, que sa- biam apenas um nome dizer—os psalmos santos, n'essa pureza que só a fé comprehende, deixaria voar inconscientemente esse nome que o coração segredava... e os claustrós silenciosos echoariam, em vez das palavras que abraçam o Omnipotente em si:

—Hamlet, meu Hamlet, amo- te... amo-te!...

O badalar cadenciado da cam- pa monacal não devia, porew, perturbar o meu sonhar a olhos abertos; a frieza das cryptas onde dormem para sempre corações cujo affecto foi atafafido pela estreiteza d'uma cella, cuja vida foi desfiada a interrogar os segredos d'além tumulo, não devia desbo- tar o riso todo alegrias das minhas phantasias; a lampada trémula que pela noite alta desperta um lacri- mejar de sombras nas mudas ar-

carias do claustró, não devia des- peitar ao meu coração a Saudade que eu ahí procurava adormecer, pelo vaguear constante d'uma es- perança antevista no ceu, tendo a creença de que elle na sua im- mensidade, seria o unico que me- diria a meu amor...

O mar, o mar, amado Hamlet, que a meus pés vinha depôr sus- surrantes beijos feitos d'alvas açu- cenas sobrenadando no seu azul- glauco, dizia-me baixinho, n'aquel- le seu canto doce que elle desfero quando a Lua o namora das janel- las do Azul, quando elle tenta em vão depôr-lhe nas faces prateadas um beijo de luz e agua: «Vem a meus braços, pobre desilludida da Terra»: no meu illimitado seio en- contrarás o repouso que o teu corpo aneja; partilharás do meu leite feito d'ouro e perolas, onde has de ter o gozo do mais profun- do somno, sem que os ruidos da Vida, venham, desrealisar os teus sonhos, tendo as alvuras rendadas das espumas com o matiz do azul celeste e verde-mar por lençol, e por cortinados o manto ethereo; vem pois, pobre desilludida da Terra». E o meu corpo deixou-se abraçar, e foi n'esse leite d'ouro e perolas usufruir a felicidade que os mortaes me negaram.

Só o meu coração ficou, es- perando que a sua ultima espe- rança descesse do ceu a buscar a realidade... Espozende—23—9—93.

OPHELIA.

LITTERATURA

VIUVA

Só, em uma trapeira como a minha, d'uma casa que se ergue quasi ao ceu, —n'uma trapeira misera e mesquinha— ella mórta, e, em frente, a oitaval-a eu...

Que tempos que levei a erguer o veu da vida acrisolada que ella tinha!.. E como é loura e meiga a pobresinha, —tal a que eu adorei e me morreu...

Amára muito a triste... D'uma vez o seu pallido e languido maltez —que ternuras e idillios não sonhados!

Cahiu-lhe morto, exanime na rua... Não brilhava n'essa noite a pharol— Lua— e ella ficou perdida nos telhados... 93.

A. de São Boaventura.

SONETO

Sete annos de pastor Jacob servia Labão, pae de Rachel, serrana bella; Mas não servia ao pae, servia a ella, Que a ella só por premio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia Passava, contentando-se com vél-a; Porém o pae, usando do cautela, Em logar de Rachel, lhe deu a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganós Assim lhe era negada a sua pastora, Como se á não tivera merecida,

Começou a servir outros sete annos, Dizendo:—mais servia, se não fóra Para tão longo amor tão curta a vida.»

Luiz de Camões.

SONETO

«Repouso lá no ceu eternamente, Repouso lá no ceu, Helena amada! Não olvides na ultima moraja Esta alma que te amou sinceramente!

Com prazer morreria, alegremente, Se a tua face fresca e carminada Pudesse inda por mim ser oscutada, Uma vez... uma vez unicamente!

Mas tornu-se impossivel meu desejo, A tua face nunca mais a beijei... Por isso peço a Deus ardentemente.

Que ex.º ga este viv de magua e d'ancia, Levando-me tambem para essa estancia, Pois eu só junto a ti sei ser contentel... A. M. Lopes.

ARREPENDIMENTO

Triste gemido que não acha abrigo N'um peito amigo que l'entenda a dor; Ingrato sopro d'uma branda aragem, Boja a folhagem, não afaga a flor.

Pergunta á nuvem para onde vòs, Quando rebôa um furacão veoz!... Mas não perguntes onde fui perdido Por ter ouvido tua m-iga voz.

Como a saudade que me punge n'alma Me aviva a palma d'este amor aqui! Ail como o pranto que derramo occulto Sublimo o culto, que consagro a til

Perdão; se te amei, não fui culpado!... Ninguém da sorte subtrae-se a leil E eu no brilho de teus olhos negros, Li o perdão... não resisti... amei!

N'esses olhares renovei a vida,— A fé perdida n'essa immensa dor! Cheio de magoas revivar senti-me Na fé sublime d'um celeste amor.

A AGUA QUE QUEIMA

(De Catulle Mendés)

Como se sentisse cheio de fe- bre, d'essa cruel febre do amor, o infeliz namorado resolveu banhar- se no rio sereno e tranquillo.

«Já que soffres sem descanso, e sem esperança, já que teus no coração, na fronte e nos labios as chammas do eterno desejo sem- pre cheio de enganos, convém que te banhes longamente; dentro d'es- ta agua; porque, desde um tempo immemorial, essa agua possui a virtude de apagar os incendios da paixão, e muitos outros rapazes, que não estavam menos doentes do que tu, tiraram d'este remedio magnificos resultados.

E' esta uma verdade, que a gente do paiz facilmente poderá contar.»

Deixou-se, pois, o pobre rap- paz escorrer da margem para o rio. Mas apenas sentiu a fresqui- dão da agua, immediatamente lhe pareceu que o estreitavam em bra- zas e chammas ardentes. Espavo- rido, fugiu a través dos campos!

Sentia-se queimado por todos os lados, e um ardor intenso o devorava e consumia. Soffria hor- rivelmente.

Quando á noite se queixou da tortura, aquella que o não ana- va, respondeu-lhe, sorrindo:

«Ora! eu bem sei porque isso é. Um dia passeiando eu perto d'esse rio, deixei cahir dentro d'elle uma das flores que me en- feitavam o cabello.»

MAD...

NOTICIARIO

O Cyclone dos Açores

Da commissão da imprensa da capital, recebemos a seguinte carta:

«Collegas—A commissão da imprensa de Lisboa convida os seus collegas da provincia a abri- rem nas suas columnas a subscri- ção destinada a minorar os pre- juizos e soccorrer as victimas su- brevintes do cyclone dos Açores.

Todos os donativos colhidos devem ser enviados á commissão, na redacção das NOVIDADES, ou á redacção do «Diario de Noticias» onde a subscrição será centrali- sada.

O presidente, BRITO ARANHA director do «Diario de Noticias»; os secretarios, ARMANDO DA SILVA, secretario da redacção das NOVI- DADES; MARIANO PINA, redactor gerente do «Diario Popular.»

Accedendo ao pedido dos nos- sos distinctos collegas, abrindo uma excepção, e attendendo ao des- graça do acontecimento que a deter- mina fic' aberta a subscrição nas columnas do nosso jornal.

A's escuras

Decididamente o sr. Manoel Ferreira do Valle o lamparinista arrematante da illuminação publi- ca. (que pelo appellido não porca) anda brincando, a seu talante, com a Camara municipal.

Pois não é porque o seu illus- trado presidente, suggestionado por pedidos de qualquer bomfrate po- litico, deixe de mover justiça a quem de direito a merecer; mas nem todo se sabe, nem todo consta... e o que é certo, é que o sr. arrematante illumina a villa quando lhe parece... não faz lim- peza nos candieiros o que os faz espargir uma pessima luz...

Mas não é esta a questão.

Nas noites de domingo e 2.º feira da semana ultima, choveu copiosamente e não houve visos de luar; mas foi servido o sr. Valle deixar a villa em medonhas trevas, sem que um tenue raio de luz facil- tatesse a marcha ao transeunte, não quite a qualquer abalroamen- to nas lamacentas e tortuosas ruas.

Já no mez d'Agosto foram en- contrados pelo zelador mór 52 lampeões apagados, e no entanto, o sr. Valle não tomou emenda, o que nos faz crer que o zelador não deu conhecimento á camara e que não deram entrada no cofre mu- nicipal as respectivas multas.

Solicitamos pois, do sr. pre- sidente, a sua especial attenção, para este tão revoltante como co- matoso estado de cousas.

Incidente

Em um dos dias da semana finda, iam sendo victimas d'um lamentavel desastre, a ex.ª sr.ª D. Amelia Paschoal Ribeiro da Fonseca, esposa do sr. Valentim Ribeiro da Fonseca, d'esta villa, e sua sobrinha a ex.ª sr.ª D. Maria das Mercês Ribeiro Vianna.

S. ex.ª tinham tomado lugar no luxuoso caleche do sr. Antonio Paschoal, na Quinta de Terro- zo (Palmeira) e dirigiam-se a esta villa. Nas proximidades da capella de N. S. da Soledade o animal que tirava o vehiculo espantou-se e to- mando o freio nos dentes seguiu n'uma corrida desordenada pela rua de S. Sebastião. Foi então ao voltear a esquina do edificio da cadeia que uma das rodas bateu n'uma lage, quebran- do, e que o embate cuspiu do ve- hiculo a ex.ª sr.ª D. Amelia Pas- choal que, felizmente, apenas soffreu um leve ferimento no dedo minimo da mão esquerda. A ex.ª sr.ª D. Maria Vianna, saltou im- mediatamente, mas nada soffreu além do susto.

Alguns cavalheiros que se achavam na «Tabacaria Central», correram immediatamente fóra a prestar soccorro que as ex.ªs se- nhoras felizmente não precisaram, e entre estes o sr. Raymundo Pinheiro que lançou, com grave risco, a mão ás redêis do cavallo, o que obistou a que o carro se- guisse, rua Direita fóra, em não menor velocidade.

O cocheiro, que nada soffreu, declarou que nunca pôde sustar o cavallo.

Esta redacção, felicita cor- dealmente as illustres senhoras,

Abalroamento

Na 4.ª feira ultima, 20, a cha- lupu «D. Rosa» que sahiu d'este porto no dia 13 com um carregamento de madeira com destino a Villa Real de Santo Antonio, abalroou, nas alturas do cabo de S. Vicente, com uma armação de sardinha, do que resultou abrir a agua. A chalupa, que pertence a

esta praça e é propriedade do sr. Fernandes Gafem, de Fão, foi socorrida immediatamente pela mesma armação e pela canhoneira da fiscalização d'Alfandega.

Pharmacia Central

Esta conceituada pharmacia sita á rua Direita, já muito conhecida do publico de quem merece o maximo conceito pelo rapido aviamento e boa manipulação de medicamentos, acaba de passar por grandes transformações.

O seu proprietario e nosso distincto amigo, o sr. José Candido da Silva Ramalho, não só augmentou ao seu estabelecimento fazendo em seguida um bom sortido de medicamentos nacionaes e estrangeiros, como tambem acaba de montar no mesmo estabelecimento uma campainha electrica, por meio da qual póde ser chamado a qualquer hora da noite por motivo de qualquer eventualidade, aviando receituário com o maximo escupulo e rapidez. A longa pratica do sr. Ramalho e a variedade de drogas, são motivo sufficiente para que o publico procure esta excelente pharmacia, sem duvida, a melhor d'este concelho.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que vae inserto na 4.ª pagina do nosso semanario.

Reforma de fazenda

Segundo a reforma e collocação do pessoal de fazenda, ficou, o pessoal da repartição de fazenda d'este concelho, collocado da seguinte forma:

- Escrivão de fazenda—sr. Pedro de Barros de Souza Botelho.
- Escripturario—sr. Antonio José Villa chã Pinheiro.
- Escripturario addido—sr. Antonio Afonso Alves d'Oliveira.

Açambarcadeiras

Lembramos á ex.ª camara, a bem das familias pobres d'esta terra, um abuso que diariamente se está praticando com os cereaes ali expostos á venda.

Todas as manhãs, muito cedo ainda, compram essas mulheres a quem vulgarmente chamam—contratadeiras—todos ou quasi todos os cereaes e muito principalmente o milho, um dos generos de primeira necessidade, para negociar; de maneira que se uma pessoa pobre precisa de comprar alguns litros de feijão ou meio alqueire de milho para d'elle fazer o pão com que tem de matar a fome a um rancho de filhos e vae ao mercado mais tarde, já nada encontra á venda. Além d'isto, o consumidor em geral, necessita tambem dos cereaes para seu gasto diario. Ora uma d'essas açambarcadeiras, Maria Martins (Castella), que não negocia com o diabo talvez por este a achar FINO em demasia, foi ha dias multada pelo zelador mór, segundo a letra do código de posturas municipaes. E punindo-se uma vez e outra estas SANTAS mulhersinhas, poderá evitar-se o abuso que expendemos, e prestar-se-ha um grande serviço ao publico e muito especialmente ás familias que para ahí vivem em precaria situação.

Precisa-se de um noivo

Sub esta epigraphe insertu um jornal o seguinte annuncio: «Deve ser de estatura regular, moreno, cabellos e olhos pretos, amante do trabalho e pouco frequentador de «clubs;» que se

ja docil e procure tornar feliz a mulher que o preferir.

A politica é-lhe prohibida. Exige-se bom caracter, bons sentimentos e que seja amante da musica. Quem estiver n'estas circunstancias dirija carta com o n.º 99 á redacção d'este jornal.»

Dias depois teve a seguinte resposta:

«Acho-me nas circunstancias que v. ex.ª requer.

Son de estatura regular, moreno, olhos pretos, cabellos idem. Amo muitissimo o trabalho; aconselho-o aos outros, e para mim só lhe prefiro duas cousas: a ociosidade e v. ex.ª.

Não vou aos «clubs no plural, e em «italico.» Tenho só um leão domesticado. E enquanto a politica, não tenho nenhuma, nem mesmo aquella que consiste em não a ter.

O meu caracter é bom e os sentimentos são de primeira qualidade.

A musica exerce sobre meus nervos uma impressão extraordinaria; faz-me sonhar. É o opio da minha alma. Vantagem para v. ex.ª que poderá cantar ao piano.

«Dorme, que eu velo, seductora imagem!»

Além d'estas qualidades essenciaes que v. ex.ª exige para o seu noivo, disponho ajuda de outras qualidades supplementares, menos apreciaveis, mas, porventura, mais raras.

1.ª—Possuo a orthographia necessaria para excitar a inveja dos meus compatriotas.

2.ª—Tomo um banho frio todas as manhãs, o que é quasi inverosimil, attendendo á falta de agua que ha em Lisboa e á pouca limpeza do costume.

3.ª—Não tenho dividas; no entanto observo a v. ex.ª que tambem não tenho devedores.

4.ª—O meu corpo é robusto; os meus dentes são brancos; a minha alma é alegre.

5.ª—Os meus vinhos são o «Bordeaux» e o «Champagne;» sómente não os bebo porque não tenho dinheiro.

Carta com o n.º 66 á redacção d'este jornal.»

Por causa d'um gallo

Ha dias, na freguezia de Gandra, uns pandegos d'aquella freguesia projectaram dar uma assaltada á capoeira alheia, e, dito e feito; levaram acabo o projecto arranjando um gallo de boa casta. Trataram de combinar o que se havia de fazer e a opinião de quasi todos era, que se havia de cosinhar o bom galinaceo; mas um mais escrupuloso não dava pelos autos e do seu parecer concluiu-se que os pandegos tinham de carregar com elle para a capoeira.

Mas, palavra puxa palavra; um porque sim, outro porque não, e vae d'ahi zãs! marmeleiro em acção, do que resultou haver algumas contusões. O desventurado gallinaceo, esse, foi trespassado por um pau que depois metteram em uma toca d'um muro fronteiro á casa do seu dono, que, ainda presenciou as ultimas agonias de tão honrable supplicio.

Movimento marítimo

de 16 a 23

Entradas:

Não entrou embarcação alguma.

Sahidas:

19—«Veptura de Deus», sah., para a Figueira da Foz, lastro.

Posto fiscal de 1.ª classe em Espozende

Cobrado de 16 a 22 8:355

PERFIS IV DONAN. L.

Não sei o que a traz angustiada, O que a faz tão pallida e doente; A causa do soffrer intermitente, A causa d'essa vida amargurada.

Assim, tão triste, tão apaixonada, Um dia e outro sempre entanguescendo; Tu—e senhora, aos olhos d'esta gente De uma hypochondria exaggerada.

Foi lindo esse olhar, minha senhora, Em dias mais felizes, que la vão, E que não possui hoje como outr'ora.

Esse olhar, tão tórvo e scismador, Só demonstra que tem o coração Mortificado por intensa dor.

Ida.

SALAMALEQUES

A VINGANÇA DO «COISA...»

A M. DO PILLAR

Conhecem-n'o? Julgo que não, e tambem nada perderão em o não conhecer. Todavia, o «Coisa», é um typo singularissimo e, portanto, em conhece-o nada se perderia.

Natural da aldeia de M... e typo talhado para grandes empresas; em teura idade fitou o norte, o sul, o nascente e poente, abriu as azas e voou... voou para muito longo. Nada fez, porém, com a sua primeira tentativa, e tempos depois voltou ao ninho paterno! Não desistiu das suas aspirações, porque sendo typo talhado para grandes empresas, o seu espirito irrequieto não o deixava permanecer na pequena área da sua aldeia pobre e humilde e o aconselhara a envergar a farda militar porque d'ahi haviam sabido grandes homens que depois da sua morte deixaram á patria nomes inolvidaveis, nomes de immorredoura gloria. E foi a fortuna fora-lhe prospera, e poucos mezes depois o «Coisa» subia o primeiro degrau d'aquella escadã tão ingreme, cuja ascensão ao seu ultimo degrau, é a gloria na accepção da palavra.

Era cabo de esquadra. Corriam-lhe os ventos de feição e o «Coisa», á parte algumas faltas insignificantisimas, era rigoroso no cumprimento dos seus deveres e tambem apontado como exemplar pelos seus superiores. Mas a roda nem sempre anda para a direita; occasiões ha em que ella corre ao inverso dos nossos desejos, e foi o que succedeu ao «Coisa». No ponto em que então estava estacionado, rebentara uma pequena revolução por questões politicas, e o «Coisa», como um dos mantenedores da ordem, fô-a obrigado a marchar para o local da revolução, nas guardas avançadas. No calor da refrega, onde elle se houvera com denodo verdadeiramente admiravel, recebeu uma bala n'uma parte do corpo, que os medicos julgaram tornat-o inepto para o serviço militar.

Mas ha males que vêm por bem. Assim succedeu ao felizão do «Coisa» que, pouco tempo depois, sahia do hospital militar completamente curado e reformado com os vencimentos por inteiro.

(Continúa)

L. M.



SONETO

Pennacho meu gentil, que te partiste Tão cedo de minh' alma descontente, Descança no districto eternamente E viva eu cá sósinho sempre triste.

E se na districtal, p'r'onde fugiste Memoria d'este cheque se consente, Não te esqueças d'aquelle amor ingente

Que sempre nos meus olhos puro viste.

Mas se vires que póde aborrecer-te Alguma coisa a dor, que me ficou Da magua sem remedio de perder-te;

Roga ao Fuschini que assim t'o ordenou

Que muito cedo eu torne aqui a verte,

Nas mãos d'um qualquer que a rir ficou!...

(Soneto XIX de Camões, modificado).

ANNUNCIOS

EDITAL

A Santa e Real Casa da Misericordia d'esta villa de Espozende.

FAZ publico que por espaço de 30 dias a contar do dia de hoje, se acha aberto concurso para provimento do lugar de capellão mór da missa das 11 horas da manhã, estatuida pelo n.º 1 do artigo 20 do Estatuto e conforme as condições que se acham patentes na secretaria da mesma Misericordia, com o ordenado annual de 100\$000 reis.

Os concorrentes, deverão apresentar as suas propostas durante o referido prazo ao Provedor da Misericordia.

E para constar se mandou publicar o presente edital para conhecimento dos interessados.

Esposzende e Secretaria da Santa e Real Casa da Misericordia, 4 de Setembro de 1893.

O Provedor, Francisco da Silva Loureiro. (10)

AGRADECIMENTO

Luiza Gonçalves Vianna de Lima, Mecia Rosa Vianna, Amalia Gonçalves Vianna, Adelaide Gonçalves Vianna, Marianna Gonçalves Vianna Lopes e Antonio Domingos Lopes; esposa, sogra, conhadás e cunhado do sempre chorado capitão de marinha mercante Miguel do Nascimento Lima, fallecido na cidade do Maranhão, valem-se d'este meio, por não poder fazel-o pessoalmente, para agradecer immensamente penhoradas a todas as pessoas que lhes offereceram os seus serviços por occasião da infausta noticia e lhes apresentaram os seus cumprimentos de condolencia, e para lhes protestar a sua gratidão e o seu inesquecivel reconhecimento.

EDITAL

A Camara Municipal do concelho d'Espozende:

FAZ publico que no dia 30 do corrente mez,

pelas 12 horas da manhã, nos Paços d'este concelho e perante a respectiva Camara, terá lugar a arrematação, por licitação verbal, da construção completa do segundo lanço da estrada de Fão a Fonte-Boa, na extensão de 1:378,86,

sendo a base da licitação 900\$000 reis, deposito provisorio 22\$500

reis e deposito definitivo, 5 por cento do preço da arrematação.

O deposito provisorio será feito no acto da praça, em presença da Camara, e o definitivo será igualmente feito na thesouraria da mesma Camara.

Para ser admittido a licitar, é preciso que os concorrentes apresentem certificado que abone a sua capacidade para bem dirigir a execução das obras de que se trata.

As condições das peças escriptas do respectivo projecto, as espécies d'esta praça e os desenhos que regulam e aproveitam á execução d'estes trabalhos, acham-se patentes na secretaria da mesma Misericordia, com o ordenado annual de 100\$000 reis.

Os concorrentes, deverão apresentar as suas propostas durante o referido prazo ao Provedor da Misericordia.

E para constar se mandou publicar o presente edital para conhecimento dos interessados.

Esposzende, 9 de Setembro de 1893.

O Vice Presidente, JOSÉ D'AZEVEDO VAQUINHO. (8)

REMEDIO DE AYER DO DR. AYER



Vigor do cabelo de AYER—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Pectoral de cereja de Ayer. O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, por que um vidro dura muito tempo.

Pillulas Catharticas de Ayer—O melhor purgativo suave e inofensivo vegetal.

ACID OPHOSPHATO DE HORSFORD



Faz uma bebida deliciosa adicionando-lhe apenas agua e açúcar; é um excellente substituto de limão e baratissimo porque um frasco dura muito tempo.

Tambem é muito util no tractamento de **Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dor de cabeça.** Preço por frasco 700 reis e por duzia tem abatimento.—Os representantes **James Cassels & C.**, Rua Monsinho da Silveira, 85, 1.º—Porto, dão as fórmulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeto desinfectante e purificante de JEYES—para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodos da frontal. Limpamnetros, e curar feridas.

Vende-se em todas as principais pharmacias e drograrias. **PREÇO 240 REIS.** (3)

PHARMACIA CENTRAL ESPOZENDENSE

DE

JOSÉ CANDIDO DA SILVA RAMALHO

RUA DIREITA—ESPOZENDE (6)

Serviço permanente



Esta pharmacia, fornecida convenientemente de todos os preparados chimicos, indispensaveis ao uso da sciencia medica, tem um variado sortimento de medicamentos estrangeiros, cuja bafateza e indiscutivel utilidade não desmentem a solida reputação d'este já muito acreditado estabelecimento. Entre todos esses preparados, que as primeiras summidades medicas empregam com a melhor certeza d'um resultado lisonjeiro, esta pharmacia, devido ao estudo do seu preparatorio, possui preparados tão necessarios como salutarmente garantidos nos seus effectos. São elles:

Pomada anti-herpética
Cura todas as molestias da pelle. Preço da caixa 120 reis.

Injecção adstringente calmante
Cura todas as bleunorrhagias as mais rebeldes. Preço do frasco 300 reis.

Especifico contra callos
Efficaz para a destruição completa dos callos. Preço do frasco 300 reis

Xarope vermifugo
O melhor medicamento conhecido contra as lombrigas
Deposito geral—PHARMACIA CENTRAL—ESPOZENDE

PRIVILEGIO  EXCLUSIVO 

CONTRA A TOSSE

E

DOENÇAS DO PEITO

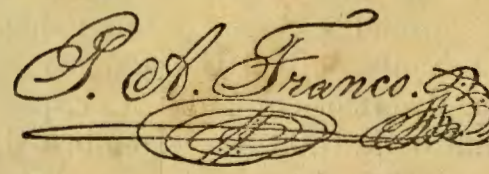
XAROPE PEITORAL JAMES

Unico approvedo, legalmente auctorizado pelo conselho de saúde publica de Portugal e Inspectoria Geral de Hygiene da Corte do Rio de Janeiro.


A efficacia d'este xarope, evidentemente provada em muitas observações nos hospitales e na clinica particular dos mais distinctos medicos d'este paiz, levou o Conselho de Saude Publica do Reino a aproval-o (distinção que lhe não mereceram outras preparações), e a consideral-o um verdadeiro especifico contra as bronchites, tanto agudas como chronicas, de fluxo, tosse rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dor do peito, escarros de sangue, e contra todas as irritações nervosas.

Cada frasco está acompanhado de um impresso com o parecer que o Conselho de Saude den ao governo, e com as observações dos principais medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil.

Na parte collada do envolvero esta minha assignatura com tinta azul.



Deposito geral — Pharmacia Franco, Filhos
ESPOZENDE — LISBOA.



VINHO (4) NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado e auctorizado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saúde publica e premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ajuda os mais deheis para combater as digestões tardias e laboriosas, a despesia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos organos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas asdoenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para creanças ou pessoas muito debéis, uma colher de sopa de cada vez; e para os adultos, duas e tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dose com quaesquer bolachinhas é um excellent lunchpara as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao toast, para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os vultros das garrafas devem conter o retrato do auctor, e o nomeem pequenos circulos amarellos, marca que será depositada em conformidade da lei de 4 de Junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

FABRICA DE ADUBOS CHIMICOS

DO

NORTE DE PORTUGAL (A VAPOR)

Adubos para cereaes—milho e feijão, batatas, vinha, leguminosas, etc.—Gesso, nitrato, superphosphatos.

Dosagens garantidas

Vendas mensaes em 1892 800 saccas.
" " em 1893 3.100 saccas.

Com o nosso machinismo, todo francez, a Empreza póde agora fornecer 1.500 saccas por dia.

Pedir prospectos e informações ao

Agronomo: ASTIER VILLATE

RUA FORMOSA, 250 — PORTO

CASA BARATEIRA

Novo estabelecimento de

MERCEARIA, FAZENDAS BRANCAS E MUDIZAS

de

Francisco Mendes d'Oliveira

16, Rua do Outeiro, 16

ESPOZENDE (2)

Um variado sortimento de chissas, setinetas, mortuos, panos crus, riscados, cotins, merinos, sargelins, casturinas, algodões, lãs e mais miudezas.

Bons generos de mercearia, genobras, vinhos engrafados, café puro, chá de superior qualidade, louças eia e muitos outros generos que não podemos aqui mencionar.

Ao Meados Ao Meados:
Divisa da casa:
Vender barato, para vender muito

FRANCISCO DA SILVA LOUREIRO

COM LOJA DE (1)

FAZENDAS E MERCEARIA

Acaba de receber um completo sortimento de fazendas proprias para verão cujo sortido em gostos variados espera satisfazer qualquer freguez, seja cavalheiro, senhora ou creança. Escusado será fazer menção dos artigos que tem expostos á venda; basta só dizer que n'este estabelecimento acha-se tudo que se deseje por preços commodos.

Tambem se encarrega de fatos sobre medida com perfeição.

É NO FIM DA RUA DO CAES

A VIUVA MILIONARIA --- EM PUBLICAÇÃO

A CASA

Guillard, Aillaud e Cia

LISBOA LISBOA

DISTRIBUE REGULARMENTE

LA SAISON
Journal de Modas, formato grande, 12 paginas gravuras, moldes e um figurino colorido.

NUMERO AVULSO (Lisboa (pagto á entrega) 120 reis.
Provincia e ilhas (pagamento adiantado de 6 mes) 130 ")
ASSIGNATURA: 3 mezes, 850 reis; 6 mezes, 1.800 reis; 12 mezes, 3.000 reis.

La NATURE
Journal scientifique (semanal)

NUMERO AVULSO (Lisboa (pagto á entrega) 100 reis.
Provincia e ilhas (pagamento adiantado de 5 mes) 110 ")
ASSIGNATURA: 6 mezes, 2.600 reis; anno, 5.200 reis.

La Médecine moderne
Novo Journal de Medicina sob a direcção do doutor Germain SÉE. — Publicação semanal.

NUMERO AVULSO (Lisboa (pagto á entrega) 200 reis.
Provincia e ilhas (1) 220 ")
ASSIGNATURA: 6 mezes, 1.200 reis; anno, 2.400 reis.

Les Sciences Biologiques en 1899
Nova publicação sob a direcção de D^r Charcot, Cornil, Dujardin-Beaumez, etc. Fasciculos de 20 paginas in-8º grande, com gravuras.

NUMERO AVULSO: Lisboa (pagto á entrega) 200 reis.
Provincia e ilhas (1) 220 ")
ASSIGNATURA: 6 mezes, 1.200 reis; anno, 2.400 reis.

Remettem-se gratuitamente numeros d'estas publicações por amostra.